

A criação do sonho, o sonho da criação

CARNAVAL

Nascidas nos morros e subúrbios cariocas as escolas do samba ocupam hoje com seu desfile, o centro de uma festa espetacular. Através de suas fantasias, carros alegóricos e o samba-enredo os desfiles contam histórias e encantam o público com seu ritual.

O enredo proposto é uma história que se transforma numa linguagem plástica e áudio-visual da fantasia; no barracão os desenhos e projetos são a largada para a confecção das roupas e construção dos carros. Na quadra, o samba-enredo será cantado inúmeras vezes ao longo dos ensaios das alas que compõem o desfile.

Na passarela do samba, o desfile de cada escola é uma exposição de curta duração feita com indumentárias, músicas, carros e muito mais. A comunidade toda trabalha durante o ano para esse momento. O público emociona-se, canta, dança e aplaude as mais variadas histórias. Um encontro entre arte, ciência, educação, cidadania, criatividade e valorização dos diferentes saberes e, das culturas, tradições e rituais populares. Esse espetáculo torna-se, então, palco privilegiado para falar e ser escutado, ou, ao menos, olhado.

Antes de viver no Rio de Janeiro tinha um conhecimento que, a experiência *o que acontece ou o que nos passa* [V1] diria Jorge Larrosa, fica transformando cotidianamente: marcada por uma série de pré-conceitos, o carnaval não era outra coisa que uma festa que tinha perdido a sua popularidade para transformar-se numa festa inventada para atrair turistas *gringos* difundindo um samba tipo *marchinha* musical, fácil de aprender e, mostrava uma suposta promiscuidade sexual naturalizada e, não comum fora de América Latina, que, pelo tanto desejo gerado ficaria difícil não vender o produto *carnaval* encarnado nas imagens de lindas mulatas com poucas e brilhantes roupas, e, lindos malandros sambando até cair; uma outra versão apreendida sobre o carnaval *principalmente* o carnaval carioca- foi a da certa *perigosidade* da festa, da cidade, da gente, da rua, dos morros, da vida; em parte, Rio não abandona a sua humanidade pelo tanto, as suas contradições, e, a pesar de ser *maravilhosa*, é humana: a tragédia e a comédia dançam a cotidianidade na cidade cheia de curvas e variadas cores, como a sua gente.

Através de minha participação em algumas atividades desenvolvidas pela Casa da Ciência (UFRJ) formei parte dum grupo de gente que brincou o carnaval carioca com a Escola do Samba *Unidos da Tijuca*.

Que relação existe entre carnaval e ciência? Inicialmente esta pergunta parece estranha, mas para a popularização da ciência acadêmica que parece ter preguiça em caminhar as ruas e abandonar papéis e ar refrigerado - nada melhor que a Passarela do Samba - a Avenida do Sambódromo Marques de Sapucaí do RJ - palco duma festa espetacular, assistida por milhares de pessoas para apresentar um enredo sobre samba e ciência.

A Casa da Ciência é um espaço de popularização da ciência através de diferentes atividades apresentadas nas mais variadas linguagens. A partir do encontro com o carnavalesco Paulo Barros (atualmente na Escola Unidos da Tijuca, e premiado com Estandarte de Ouro como revelação do carnaval 2004) a idéia de participar da festa foi sendo possível, e plasmou-se na construção do enredo *O sonho da criação e a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível?* com o que sambamos as 4500 pessoas que desfilamos na avenida o domingo de carnaval 22 de fevereiro, e com o que festejamos o posto de Escola vice-campeã para surpresa de todo mundo. Para além das premiações, reconhecimentos, aplausos, brilhos e luzes, o que mais mexe com a minha emoção é saber que alguns projetos coletivos que fazem a cultura dum povo ficam para além de supostas *contaminações* ou *mistificações*, ficam para além dos intentos de atrapa-lhos em conceitos ou pré-conceitos, ou pacotes de turismo global ou alternativo: o carnaval, o samba, a gente re significa tempos e espaços e se revela sem rubor revelando ao mundo os saberes que existem desde o principio dos tempos. Uma festa de comunhão entre o sagrado e o profano liberando as duas coisas das dicotomias aparentes, um espaço de alteridade, de encontro e negociação das próprias e estranhas subjetividades, e, sobre todo, uma enorme *avenida colorida* [V2] ? ? como o sambista Catoni cantava - onde os papéis aparentemente fixos perdem a sua rigidez, revelando outras possibilidades: uma adolescente de favela também é a melhor rainha da bateria, um pedreiro também é puxador de cuica o tamboril, uma dona de casa é também uma elegante baiana, uma instituição universitária que difunde ciências *Exatas* Humanas? - é também barracão e quadra de carnaval e de produção de projetos culturais vinculados ao samba, ou melhor sua matriz sai dos prédios universitários do Bairro de Botafogo [V3] e inventa filiais no morro de Borel [V4], nas ruas da Praça Mauá, na avenida do Sambódromo... uma psicóloga argentina e amante do tango é também parte desse povo que *criou o sonho, e sonhou a criação*...

[V1] *Notas sobre a experiência e o saber da experiência?*, Conferencia no COLE, São Paulo, 2001.

[V2] *Lendas e mistérios da Amazônia?*, samba-enredo composto por Catoni, Jabolô e Valternir, 1970.

[V3] Bairro da zona sul de Rio de Janeiro.